

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**VIOLÊNCIA ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE  
PARINTINS.**

**Por**

**DORIVAN CASTRO MARINHO**

Parintins  
2018

**DORIVAN CASTRO MARINHO**

**VIOLÊNCIA ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE  
PARINTINS.**

Trabalho de conclusão de Curso de Graduação em  
Pedagogia, pela Universidade do Estado do Amazonas  
apresentado como exigência para obtenção do grau de  
licenciado em Pedagogia.

**Orientador: Prof. Msc. Virgílio Bandeira do Nascimento Filho**

Parintins

2018

**DORIVAN CASTRO MARINHO**

**VIOLÊNCIA ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE  
PARINTINS.**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em  
Pedagogia, pela Universidade do Estado do Amazonas  
apresentado como exigência para obtenção do grau de  
Licenciado em Pedagogia.

Aprovado em: 10/12/2018

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Msc. Virgílio Bandeira do Nascimento Filho**  
Presidente  
Universidade do Estado do Amazonas

---

**Francisca Keila de Freitas Amoêdo**  
Membro

---

**Àgdo Regis Batista Filho**  
Membro

*Dedico esta vitória aos meus pais Raimundo e Delmair, que carregam consigo a esperança de um mundo melhor, pelo incentivo e por me tornarem este homem íntegro e de caráter. Aos meus amados filhos Deivid Miguel e Manuelle, vocês são minha razão de viver.*

## AGRADECIMENTOS

*Imensamente à Deus, por sempre me dar forças, pois sempre que eu chegava ao ponto de desistir, de alguma forma ele me estendia a mão me fazia acreditar e ir além. A ele toda honra e toda glória.*

*Ao corpo docente da Escola Municipal “Charles Garcia”, pela colaboração com a minha pesquisa.*

*Aos alunos por terem me cedido à entrevista, e apesar de todos os problemas pelos quais elas passam, por acolherem com tanto carinho e entusiasmo.*

*A minha família por todo carinho e apoio de sempre. Em especial meus pais e irmãos.*

*A minha amada Ananda, por está comigo durante toda essa caminhada, que durante esses anos, nunca mediu esforços para me ajudar, e por toda paciência e compreensão.*

*Ao meu orientador Virgílio Nascimento, pelas orientações às quais foram fundamentais para que conseguisse realizar esse trabalho.*

*A todos os meus colegas do curso de pedagogia, em especial a turma de 2013, no qual o apoio de cada um de vocês foi fundamental para que eu chegasse ao fim desse curso.*

*A coordenação de Pedagogia, em especial ao João por sempre nos atender com todo respeito e atenção.*

*Aos meus comandantes do quartel por sempre adequarem a minha escala aos meus estudos e também meus companheiros de trabalho pelo apoio e incentivo.*

*Enfim agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente para conclusão desta pesquisa.*

*"Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda".*

*Paulo Freire*

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso vem trazendo uma pesquisa tece discussões acerca da temática “**Violência Escolar: Um Estudo de Caso em uma Escola Municipal de Parintins**”. Os objetivos que permearam esta pesquisa foram: Analisar de que forma ocorre a violência dentro da “Escola Municipal Charles Garcia”. Descrever qual o impacto da Violência na Aprendizagem do Aluno. Identificar as estratégias de combate à violência na escola. A pesquisa teve como principais autores (ABRAMOVAY 2004; 2005; 2002, BRONFENBRENNER 1996; 1994, MINAYO 1994; 2007, SILVA 2010, SPOSITO 1998; 2002.) Dentre outros que em suas obras discorrem sobre a violência na escola. Os sujeitos dessa investigação foram da “Escola Municipal Charles Garcia, sendo (02) alunos e (02) professoras. Os professores participantes dessa pesquisa foram identificados por consoantes: “P1” e “P2”, em concordância com a autorização concedida por elas antes da pesquisa. E os alunos com nome de personagens de desenhos de sua preferência: “Ben 10” e “Quatro braços do Ben 10”, a pesquisa é de cunho qualitativo, método de abordagem fenomenológico, utilizamos como método de procedimento o estudo de caso, sendo assim, como instrumento para a coleta de dados foi utilizado de observação direta e entrevistas semiestruturada para os professores e alunos. Atendendo a temática apresentada consideramos que o trabalho foi produtivo pois nos adverte para o fato de que a violência, de forma geral, faz parte da realidade dessas crianças, seja na escola ou no seio familiar, em que as violências física e psicológica são as mais frequentes, geralmente atreladas às questões disciplinadoras e educativas.

**Palavras-chave:** Violência Escolar; Aprendizagem, Aluno.

## **ABSTRACT**

The present research deals with the topic of "School Violence: A Case Study in a Municipal School of Parintins". The objectives that permeated this research were: Analyze how violence occurs within the "Charles Garcia Municipal School". Describe the impact of Violence on Student Learning. Identify strategies to combat violence in school. The research had as main authors (ABRAMOVAY 2004, 2005, 2002, BRONFENBRENNER 1996, 1994, MINAYO 1994, 2007, SILVA 2010, SPOSITO 1998, 2002.) Among others that in their works talk about violence in school. The subjects of this investigation were the "Charles Garcia Municipal School, being (02) students and (02) teachers. The teachers participating in this research were identified by consonants: "P1" and "P2", in agreement with the authorization granted by them before the research. And the students with the names of the characters of their favorite designs: "Ben 10" and "Four arms of Ben 10", the research is qualitative, method of phenomenological approach, we use case study as method of procedure, , as a tool for data collection was used for direct observation and semi-structured interviews for teachers and students.

keyword: School Violence; Learning, Student



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPITULO I - REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	12
1.1 Definição e Tipos de Violência.....	12
1.2 Violência na Escola.....	14
1.3 Violência Escolar e o Impacto na Aprendizagem dos Alunos .....	18
1.4 Violência na escola: mas como lidar e combater esse problema? .....	22
<b>CAPITULO II – PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	24
2.1 Contexto da Pesquisa .....	24
2.2 Tipo de Pesquisa .....	24
2.3 Método de Abordagem .....	25
2.4 Método de Procedimento.....	25
2.5 Sujeito da Pesquisa .....	26
2.6 Técnicas de Pesquisa.....	26
<b>CAPITULO III – ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	27
3.1 Definição de violência escolar segundo os professores .....	27
3.2 Características do ambiente ou situação que expõem os alunos a serem vítimas ou perpetradores de violência.....	28
3.3 O impacto da violência na aprendizagem do aluno .....	29
3.4 Estratégias de combate à violência na escola municipal Charles Garcia .....	30
3.5 Aluno perpetrador de violência na escola .....	32
3.6 Aluno vítima de violência na escola .....	34
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	36
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	38

## INTRODUÇÃO

A pesquisa intitulada “**Violência Escolar: Um Estudo de Caso em uma Escola Municipal de Parintins**”, surgiu a partir, da observação do dia a dia das escolas as quais não só na vida acadêmica a partir dos estágios, mas também por uma questão pessoal e profissional, pois, exerço a profissão de Policial Militar, e constantemente atendemos inúmeras ocorrências na referida escola, assim é notório os atos de violência e bullying que chamaram a atenção diante de uma realidade onde os alunos deveriam esta estudando e brincando ao invés de brigando

No momento que deveria ser utilizado para o aprendizado acaba por ser desperdiçado com agressões, interferindo no rendimento escolar dos alunos, observamos que o ambiente escolar vem se tornando cada vez mais conturbado devido ao aumento da violência nas escolas, a qual acontece de forma verbal ou física, mas o fato é que os alunos que convivem com essas situações não estão em um ambiente que lhes traga tranquilidade e satisfação, tanto na relação com os colegas como também em relação à estrutura da escola.

Ainda no que refere a temática, verificamos que recentemente, educadores, pais, alunos e formuladores de políticas públicas estão bastante preocupados com a questão da violência nas escolas, tal preocupação é significativa, haja vista que as manifestações de violência induzem comportamentos nos profissionais da educação que se contrapõem às metas de melhoria da qualidade do ensino e aumento da permanência na escola. Perante tais situações que permeiam o ambiente escolar e que vem dificultando o processo de ensino e aprendizagem, nossa inquietação traz a problemática partiu da necessidade de tentarmos compreender como essa violência se evidencia, mas especificamente na “Escola Municipal Charles Garcia”?

Os objetivos que permeiam essa pesquisa foram inicialmente analisar de que forma ocorre a violência dentro da “Escola Municipal Charles Garcia”, em seguida tentamos descrever qual o impacto da Violência na Aprendizagem do Aluno e assim tentamos Identificar as estratégias de combate à violência na escola.

O presente trabalho está dividido em três capítulos, o primeiro apresenta o referencial teórico, tendo como principais autores (ABRAMOVAY 2004; 2005; 2002, BRONFENBRENNER 1996; 1994, MINAYO 1994; 2007, SILVA 2010, SPOSITO

1998; 2002.) Dentre outros que em suas obras discorrem sobre a violência na escola.

O segundo capítulo apresenta o percurso metodológico, com os objetivos propostos neste estudo, à pesquisa é de cunho qualitativo, método de abordagem fenomenológico, utilizamos como método de procedimento o estudo de caso, permitindo utilizar como instrumento para a coleta de dados foi utilizado de observação direta e entrevistas para os professores e alunos. Os sujeitos investigados nesse estudo foram (02) alunos e (02) dois professores que atuam no 4º do fundamental. E que através das vozes dos sujeitos buscamos demonstrar os resultados extraídos com esta pesquisa.

No terceiro capítulo desta pesquisa apresentamos os resultados obtidos através das observações e das coletas de dados, aonde explicitamos as vozes dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa.

Na tentativa de apresentar respostas para nossas indagações nas considerações finais serão apresentadas algumas conclusões sobre o estudo realizado, indicando aos pedagogos caminhos para refletir com profundidade acerca do impacto da violência nas escolas.

## CAPITULO I - REFERENCIAL TEÓRICO

### 1.1 Definição e Tipos de Violência

Na atual conjuntura em que se encontra o país no que tange a violência, os meios de comunicação anunciam diariamente os índices crescentes da mesma. A violência pode ocorrer de inúmeras maneiras, podendo ser verbal ou física. Veremos abaixo a gênese do termo violência para melhor entendermos a referente pesquisa.

Segundo Zaluar (1999:28), a origem do termo violência, “vem do latim, violentia que remete a vis (forçar, vigor, emprego de força física ou recurso do copo para exercer sua força vital). Essa força torna-se violência quando ultrapassa limite ou perturba acordo tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo carga negativa ou maléfica. É portanto, a percepção do limite e da perturbação (e do sofrimento que provoca) que vai caracterizar o ato como violento, percepção essa que varia cultural e historicamente”.

Além disso, o termo parece indicar algo fora do comum, algo ligado à força, e ao comportamento deliberado que produz danos físicos tais como: ferimentos, tortura, morte ou danos psicológicos, que produz humilhações, ameaças, ofensas, etc. Dessa forma o termo mais usado para definir violência é o da Organização Mundial da Saúde (OMS), que nos diz que violência é:

“Uso intencional da força ou poder em uma forma de ameaça ou, efetivamente, contra si mesmo, outra pessoa ou grupo ou comunidade, que ocasiona ou tem grandes probabilidades de ocasionar lesão, morte, dano psíquico, alterações do desenvolvimento ou privações”.

Essas características gerais do conceito de violência variam no tempo e no espaço, segundo os padrões culturais de cada grupo ou época, e são ilustradas pelas dificuldades semânticas do conceito. Para RISTUM, (2001):

A violência, que pode ser considerada um fenômeno social e multifacetado, tem sua definição em constante mutação devido aos seus vários sentidos. Um dos problemas de sua conceituação é que não há padrões sociais imutáveis, é dirigida pelo julgamento social, e isso torna difícil a obtenção de consenso” (RISTUM, (2001).

Profissionais, nas mais diversas áreas, manifestam-se sobre este assunto oferecendo alternativas de solução; todavia, a violência surge na sociedade sempre de um modo novo e ninguém consegue evitá-la por completo.

Algumas teorias relacionam violência e agressividade afirmando que estas são inatas e instintivas. Sob esta ótica, segundo Souza (1993) “os processos sociais são reduzidos à conduta individual”. Outras afirmam que é uma estratégia de sobrevivência das camadas populares. E um terceiro grupo de teorias parte do pressuposto de que a violência é uma expressão essencialmente humana que possui um caráter histórico, ou seja, para compreendê-la na sua totalidade é importante desvendar a estrutura sócia histórica e cultural da sociedade.

Assim, Martin Baró (1997) “traz a ideia de que as diferentes classes sociais que o indivíduo ocupa é ponto de partida para se entender a atividade que ele realiza como sujeito nessas relações sociais.” O trecho abaixo demonstra que para o autor, o contexto social e a interação com o meio influenciam na percepção dos indivíduos em relação ao mundo em que estão inseridos.

A socialização supõe que o indivíduo, situado em um determinado contexto social e em interação com esse meio, vai formando alguns esquemas cognitivos que selecionam e processam sua informação, que filtram e configuram o que ele vai aceitar como realidade, como o mundo (MARTÍN BARÓ, 1997, p. 9).

Entendemos assim que os estudos sobre a violência, buscam defini-la para que assim possam delimitar suas formas de expressão e dê impacto tanto nos seres humanos quanto nas instituições em que a violência se apresenta. Dessa forma segundo Minayo (1994) A violência pode ser classificada em:

a) violência estrutural, que é expressa nas estruturas organizadas e institucionalizadas que influenciam as práticas de socialização; b) violência da resistência, expressa nas diferentes formas de resposta dos indivíduos oprimidos à violência estrutural; c) violência da delinquência, que compreende as diversas formas de delito, se revela nas ações fora da lei socialmente reconhecida. Minayo (1994)

Perante estas definições sobre violência nos permitem inúmeras interpretações acerca da mesma. Ao delimitar ou particularizar uma definição, facilita melhor o entendimento. Um exemplo de particularização dessa definição encontra-se na cartilha do Ministério da Saúde (2001) a respeito da violência intrafamiliar. O

objeto é delimitado utilizando as características das relações entre vítimas e agressores e foi configurado como:

a) violência física: “Ocorre quando uma pessoa, que está em relação de poder em relação à outra, causa ou tenta causar dano não acidental, por meio do uso da força física ou de algum tipo de arma que pode provocar ou não lesões externas, internas ou ambas. Segundo concepções mais recentes, o “castigo repetido, não severo, também se considera violência física” (P. 17); b) violência psicológica: “É toda ação ou omissão que causa ou visa a causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa” (P. 20); c) violência sexual: “É toda a ação na qual uma pessoa em relação de poder e por meio de força física, coerção ou intimidação psicológica, obriga uma outra ao ato sexual contra a sua vontade, ou que a exponha em interações sexuais que propiciem sua vitimização, da qual o agressor tenta obter gratificação” (P. 18) d) violência econômica ou financeira: “São todos os atos destrutivos ou omissões do (a) agressor (a) que afetam a saúde emocional e a sobrevivência dos membros da família” (P. 21) e) violência institucional: “é aquela exercida nos/pelos próprios serviços públicos, por ação ou omissão. Pode incluir desde a dimensão mais ampla da falta de acesso à má qualidade dos serviços. Abrange abusos cometidos em virtude das relações de poder desiguais entre usuários e profissionais dentro das instituições, até por uma noção mais restrita de dano físico intencional” Ministério da Saúde (2001p. 21).

Assim é difícil dar apenas um conceito para definir violência, pois ela pode ser considerada como forma de relação pessoal, relação política, social e cultural, e ser uma resultante dessas interações pois para grande maioria dos especialistas é um componente cultural considerado “normal e natural” dependendo do local e da época considerados. É um fenômeno positivo em alguns momentos e negativo em outros, mas sempre complexo.

## **1.2 Violência na Escola**

O tema violência escolar tem sido bastante discutido, principalmente pelos educadores, que em sua maioria pedem e buscam por soluções com a intenção de resolver situações de conflito vivenciadas no ambiente, não particularmente na sala de aula, mas em todo o ambiente escolar, visto que a escola tem como função principal a transmissão de conhecimentos sistematizados, contribuindo para a formação do cidadão.

Um conceito simples de violência é apresentado por Marilena Chauí (2003, p. 308), que afirma: “em nossa cultura, a violência é entendida como violação da integridade física e psíquica de alguém, da sua dignidade humana”. A violência se manifesta de diversas maneiras, o que implica em resultados ainda piores para quem é atingido. Tal conceito de Chauí tem servido de base para os educadores formularem o conceito de violência nas escolas.

Com isso para destacar as formas de violência que acontecem nas instituições escolares, Charlot (2002, p. 2) nos traz três definições:

**“a violência na escola, a violência da escola e a violência à escola.** A primeira definição, a violência **na escola**, é a que não tem vínculo com a instituição, ou seja, ela acontece dentro da escola, mas não está relacionada com a educação. A segunda definição, a violência **da escola**, consiste na relação entre o tratamento que os estudantes recebem dos responsáveis pelo corpo da escola. E a última definição, **violência à escola**, tem como objetivo atingir a instituição escolar e as pessoas que a representam. E o que vamos abordar mais profundamente neste trabalho é a violência na escola.”

São inúmeros os fatores que levam esses jovens a cometerem atos delitivos à escola. A desigualdade social é um dos fatores que levam um jovem a cometer atos violentos.

A partir disso segundo Colombier (1989, p. 35) “o indivíduo enfrenta uma grande oferta de oportunidades: o uso de drogas, uso de bebidas alcoólicas, uso da arma de fogo aliada a inexistência do controle da família e comunidade tornam o indivíduo motivado a concluir o ato delitivo. Carências afetivas e causas socioeconômicas ou culturais certamente misturam-se, para piorar essas atitudes”. E além desses alunos cometerem esses atos delitivos, eles também cometem bullying contra seus próprios colegas. Que segundo a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA, 2000: p. 5), que caracteriza o bullying como:

Todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro (s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder. Portanto, os atos repetidos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as características essenciais, que tornam possível a intimidação da vítima ( ABRAPIA, 2000p. 5).

Em suma, considerando as várias definições, podemos reconhecer o bullying escolar nas situações em que um aluno, ou um grupo de alunos, causa intencionalmente e repetidamente danos a outro (s) com menor poder físico ou psicológico. Esta assimetria de poder se faz presente mesmo quando só existe na percepção da vítima, que se sente incapaz de reagir à agressão.

De acordo com Guimarães (1996, apud AQUINO, 1998, p. 10) há um acúmulo de violência nas escolas, que não são apenas vindas de fora para dentro, mas produzidas também pela escola. As instituições se apropriam do que a sociedade produz (violência) e são transmitidas nas escolas, com autoridade e força. Guimarães (1996) ainda salienta que: “É importante argumentar que, apesar dos mecanismos de reprodução social e cultural, as escolas também produzem sua própria violência e sua própria indisciplina”. No entanto não podemos afirmar com clareza o que acontece dentro do ambiente educacional é reflexo do que acontece fora dela, mas algo produzido dentro da própria escola por diversos motivos.

E que para Aquino (1998, p. 8), a escola passou a ser vista como um campo de batalhas, no qual os educadores passaram a manifestar sua insatisfação, ao invés de transmitir conhecimentos e difundir ideias, a escola por sua vez torna-se causadora de diversos conflitos internos, que causa um desconforto coletivo nos alunos e acaba por despertar inúmeras reações de violência por parte dos mesmos.

É difícil extinguir por completo as causas primárias da violência, contudo, a escola pode ajudar bastante na atenuação deste problema. Porém, Todo cuidado é pouco [...] o tema requer um conjunto de medidas, ações integradas e de iniciativas articuladas e implementadas de acordo com um plano. Não há soluções mágicas, mas é possível avançar muito na prevenção desses eventos e na educação para convivência (ELIAS 2011, p. 10).

Toda a equipe de profissionais da escola deve estar atenta para o que está acontecendo. Os pedagogos têm como tarefa as atividades administrativas, didáticas, mas também a articulação entre todos os campos da escola (professores, gestão, família, etc.). Por isso, a atividade do pedagogo ultrapassa a sala de aula e é essencial para determinar formas de organização da escola, de forma que ela se torne verdadeiramente democrática. Assim, “admitimos que o pedagogo – o fazer pedagógico – cumpre uma função política necessária no processo de democratização da escolaridade” (PIMENTA, 2002, p. 07), sendo imprescindível sua



atuação frente aos casos de alunos que manifestam formas de violência e carecem serem atendidos de forma especial. Como assevera As Diretrizes Curriculares para o curso de graduação em Pedagogia, são tarefas do pedagogo:

Promover e facilitar relações de cooperação entre a instituição educativa, a família e a comunidade; - Identificar problemas socioculturais e educacionais com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, com vistas a contribuir para superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas e outras (BRASIL, 2006, p. 02).

E o professor, apresenta-se nesse cenário como a primeira pessoa a ter contato com o fenômeno. Por ser o mediador entre o educando e o mundo, o professor deve ser o primeiro a estar atento para o que acontece no espaço escolar. Conforme fala Royer (2002), a escola tem um importante papel em lidar com a violência nesse espaço, além do mais:

[...] os professores, no decorrer de sua formação inicial ou mais adiante, tem que desenvolver a capacidade de intervir e de evitar comportamentos agressivos nas escolas. Sejam mais claros: a capacidade de ensinar a ler, escrever e fazer operações matemáticas não são mais suficientes para educar os jovens que hoje frequentam nossas salas de aula (ROYER, 2002, p. 253).

A formação de professores deve trabalhar a compreensão dos comportamentos agressivos manifestados na escola, de forma que possa se entender as possibilidades de intervenção a serem formuladas a cada caso, e entender a importância do trabalho em equipe para a resolução desse problema.

No entanto percebemos que a escola tem um importante papel frente à violência escolar, este papel pode ser desempenhado de forma negativa ou positiva, basta que a equipe de profissionais envolvidos no ambiente escolar se una a fim de resolver as problemáticas da aprendizagem e dos comportamentos dos educandos.

### 1.3 Violência Escolar e o Impacto na Aprendizagem dos Alunos

Para compreender como a violência escolar interfere no processo de ensino e aprendizagem é necessário conhecer o impacto que ela gera e de que forma ocorre esse processo, as psicopedagogas José e Coelho (2006, p. 11), nos falam que a aprendizagem é:

O resultado da estimulação do ambiente sobre o indivíduo já maduro, que se expressa, diante de uma situação-problema, sob a forma de uma mudança de comportamento em função da experiência, [...] abrange os hábitos que formamos, os aspectos de nossa vida afetiva e a assimilação de valores culturais. Enfim, a aprendizagem se refere a aspectos funcionais e resulta de toda estimulação ambiental recebida pelo indivíduo no decorrer da vida. José e Coelho (2006, p. 11).

Ainda segundo José e Coelho (2006, p. 11), o processo de aprendizagem sofre várias influências: “intelectual, psicomotor, físico, social, - mas é do fator emocional que depende grande parte da educação”. Assim sendo, a maneira como a criança é tratada, se é rejeitada ou não, “a maneira pelo qual ela se vê, [...] se sente, irão influenciar e muito em tudo que ela faz em sua capacidade de aprendizagem” (POPPOVIC, 1980, p. 17).

Podemos compreender que as diversas formas de violência pela qual o indivíduo passa pode interferir de maneira significativa em seu aprendizado, seja ela dentro ou fora da sala de aula, bem como, esse indivíduo que comente violência dentro do âmbito escolar, é o mesmo que já sofreu ou sofre violência em casa, diminuindo ainda mais seu rendimento escolar. Sposito (1998) diz que “esses estudantes estigmatizados podem começar a enfrentar os outros alunos de modo a se impor pelo medo ou pela força, tornando o ambiente escolar ainda menos propício à aprendizagem”.

Nessas condições, a criança tem todo o seu desenvolvimento comprometido, pois a afetividade e o cognitivo se encontram em um mesmo plano (GALVÃO, 1995), o que significa que para todo e qualquer problema emocional será refletido na sua aprendizagem. De acordo com Weiss (2004, p. 23 apud ROSAS, CIONEK, 2006, p. 11):

Aspectos emocionais estariam ligados ao desenvolvimento afetivo e sua relação com a construção do conhecimento é a expressão deste através da

produção escolar [...] o não aprender pode, por exemplo, expressar uma dificuldade na relação da criança com sua família; será o sintoma de que algo vai mal nessa dinâmica.

Raymundo de Lima (2007), no texto “Violência na/da Escola”, faz uma reflexão sobre como uma criança pode conseguir concretizar o aprendizado após ter sido vítima da violência. Não importando o formato desta violência, seja ela verbal ou física, no momento deste ato há uma desestruturação emocional que atinge todo o sistema nervoso do indivíduo. Assim, “[...] a violência gera sofrimento, causa danos físicos e psicológicos, humilhação, desespero, desamparo, desesperança e anuncia a barbárie onde todos podem ser vítimas”. (LIMA, 2007, s/p). Dessa forma busca-se entender até de que forma a violência pode prejudicar o interesse e a aprendizagem dos alunos, torna-se essencial a todos os educadores.

Marília Pontes Sposito e Luiz Alberto Oliveira Gonçalves (2002), em “Iniciativas Públicas de Redução da Violência Escolar no Brasil”, constataram que as instituições com mais problemas de violência, roubo e destruição do patrimônio público, tem por consequência dificuldades de aprendizagem “[...] quanto maior a agressão sofrida pela escola, piores são os seus índices de rendimento” (SPOSITO, GONÇALVES, 2002, p.106). Certamente todos os profissionais envolvidos nesta escola, estão com o psicológico abalado, mas os mais atingidos são os alunos que dessa forma acaba por comprometer ainda mais seu aprendizado.

Por outro lado, o atual currículo escolar não acompanha as realidades dos estudantes, já que estes não se reconhecem dentro do contexto que lhes é exposto. Isso gera inquietação, falta de interesse e, além disso, o aprendizado não se concretiza. Silva (2009, p. 3). ), afirma:[...] o conteúdo programático da maioria das escolas apresenta-se desvinculado da realidade sendo quase inaplicável no contexto social. O mesmo se pode afirmar do sistema de normas e regulamentos e dos projetos político-pedagógicos

Diante do projeto político pedagógico pode-se levar em consideração que os alunos são seres individuais que possuem conhecimentos variados, que ao adentrarem nesses estabelecimentos de ensino são denominados como socialmente iguais, que pela a maioria das instituições são indivíduos que serão capacitados para o mercado de trabalho.

Esses alunos vão para a escola para serem inseridos em uma vida social e para o cumprimento de uma etapa de suas vidas, para no futuro alcançarem um lugar na sociedade, em outras palavras eles veem a escola como um processo que a sociedade exige e não estão preocupados com a aprendizagem, ou seja, acabam vendo a escola como algo fora de sua realidade. A falta de interesse pelo estudo gera uma intolerância ao local onde são de certa forma, obrigados a frequentar, por pressão familiar ou por sua própria falta do que fazer.

Grogger (1997) em suas análises sobre os efeitos da violência no ambiente escolar sobre resultados econômicos. Ele mostra que a violência dentro e nas proximidades da escola diminui a probabilidade de conclusão do ensino médio e do ensino superior em 5,1% e 6,9%, respectivamente, e dessa maneira afeta o rendimento do trabalho dos indivíduos.

Tendo em vista a relevância social do problema, a lacuna na literatura econômica e a disponibilidade de informações desse tema no SAEB 2003 (Sistema de Avaliação da Educação Básica), este trabalho procurou evidenciar a relação direta entre a violência no ambiente escolar e no entorno das escolas e a proficiência dos alunos e uma relação indireta entre essas variáveis que parece operar por meio da rotatividade de professores. Pretendeu-se, com isso, clarificar o entendimento da questão a fim de subsidiar a elaboração de políticas públicas.

Quando se fala de educação pública no Brasil a primeira imagem que surge na mente é de um sistema educacional em degradação. Professores sem valorização, como consequência, sem dedicação. Alunos sem motivação. O ambiente escolar, antes considerado lugar protegido, hoje em sua grande maioria gera insegurança entre alunos, professores e diretores, prejudicados com a violência praticada dentro ou no entorno das unidades.

A escola deve ser vista com a missão de ensinar, formar, informar e construir uma sociedade mais solidária, justa e humana, ela é a esperança e certeza de dias melhores. Entendemos ainda que a escola deve ser um espaço sagrado, onde as famílias veem como um local onde seus filhos irão aprender crescer, evoluir e adquirir capacidades para enfrentar a vida, entretanto, devido à perda dos valores necessários para a formação dos indivíduos, ela está reduzindo-se a apenas um local para demonstração de uma violência em massa.

Todavia, Rosane Silva (2009), no texto “O fracasso escolar como um ‘sintoma’ da violência escolar”, a violência aparece quando os alunos não são respeitados como pessoas e seres individuais. Os alunos por sua vez, tendem a responder por meio da indisciplina ao seu professor. A autora afirma que os professores não têm uma boa formação, o que prejudica a qualidade do trabalho desenvolvido em sala de aula, local no qual existe falta de motivação causada pela desvalorização dos profissionais do magistério. É nesse sentido que a violência aparece como elemento prejudicial para a qualidade de ensino. Flávia Schilling (2008, p. 13) constata, em seu artigo “Violência nas escolas”:

“explicações, conexões”, que toda forma de violência ocorrida no interior da escola, “[...] pode ser compreendida como reveladora do mal-estar que cerca o lugar da escola na atualidade e a relação professor-aluno”. O mal-estar relatado pela autora nos faz refletir sobre as relações entre professor-aluno, ensino-aprendizagem e violência escolar”.

O professor ao adentra a sala de aula com o sentimento de que não está sendo valorizado, tanto pelo seu salário quanto pelo corpo da escola, fica incomodado devido ao estado de tensão que é alto, apreensivo e assim, um tanto descompensado, acaba por assumir e desenvolver insatisfatoriamente sua função. Existe um acúmulo de situações que o perturbam, certamente será uma aula deficiente. Portanto, o ensino pode até acontecer, porém o aprendizado não.

As diversas situações que acontecem num processo de ensino e aprendizagem, quando o professor entra em sala e não está totalmente preparado para enfrentar na verdade ele não sabe o que pode ocorrer a qualquer momento, a sua aula já não está acontecendo como deveria, e ainda pode vir a ser interrompida por agressões orais ou físicas. Do outro lado, é o aluno que não está totalmente presente na aula, ele traz consigo problemas sociais, perturbações que podem ser familiares ou mesmo entre os colegas da escola, o aluno também não está à vontade e tranquilo para que se efetive a aprendizagem fazendo com que algumas das situações que não permitem uma aula de qualidade.

#### 1.4 Violência na escola: mas como combater esse problema?

Com efeito, o combate à violência deve buscar especificamente seu foco inicial, que certamente se encontram além dos limites da escola, que acima de tudo precisa assumir sua missão constitucional de promover, junto aos educandos, "**o pleno desenvolvimento da pessoa**" e "**seu preparo para o exercício da cidadania**" (art. 205, *caput* da Constituição Federal *verbis/omissis*), e não se tornar em mais um foco de opressão e desrespeito aos direitos fundamentais de crianças e adolescentes.

Com respaldos constitucionais que tratam da educação, tanto o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90) quanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394/96) carregam consigo a fórmula mais adequada para o combate à violência nas escolas: o envolvimento dos alunos, de suas famílias e da comunidade, ao ser cada vez mais inserido ao ambiente escolar, melhora a participação efetiva no debate acerca dos problemas relacionados à escola e em sua solução.

Assim, a Constituição Federal, em seus arts. 205 e 227, estabelece visivelmente a necessidade da integração entre família, sociedade, comunidade e Estado (*latu sensu*), no processo de educação de crianças e adolescentes, bem como na sua proteção contra toda forma de violência, crueldade ou opressão, sendo que disposições semelhantes são encontradas no Estatuto da Criança e do Adolescente (arts.4º, *caput*; 5º; 17; 18; 53, *caput* e par. único e 70), bem como na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (arts.2º; 12, inciso VI; 13, inciso VI; 14, *caput* e inciso II e 29, dentre outras).

Dessa forma existem diversos mecanismos como o da atuação da polícia preventiva junto às escolas, ou mesmo a criação de outros organismos de defesa contra agressões fora das escolas que devem ser articuladas entre o conselho escolar e o conselho comunitário de segurança, que se espera que exista ou venha também a ser criado, como mais um espaço onde a comunidade irá discutir e tentar resolver o problema de violência fora do ambiente escolar.

Um dos grandes desafios, portanto, é a mudança de comportamento que hoje prevalece, a começar pela direção e corpo docente da escola, que devem ser orientados acerca dos direitos legais e constitucionais já mencionados bem como

conscientizá-los de que seu papel na formação de seus alunos vai muito além do puro e simples ensino dos conteúdos das matérias regulamentares, pois como vimos abrange a própria formação da pessoa e seu preparo para o exercício da cidadania, tarefas que devem ser executadas por todos educadores com a fundamental participação das famílias dos educandos e da comunidade, que precisa ser estimulada, quando não convocada, a participar da definição das propostas pedagógicas.

A escola pode criar seus programas e/ou agregar programas que já existem como o “Programa Educacional de Resistência às Drogas (Proerd)” consiste num esforço cooperativo da Polícia Militar, Escola e Família, visando preparar crianças e adolescentes para fazerem escolhas seguras e responsáveis na auto condução de suas vidas, a partir de um modelo de tomada de decisão. Por meio de atividades educacionais em sala de aula, o policial militar devidamente capacitado, fornece aos jovens as estratégias adequadas para tornarem-se bons cidadãos, resistir à oferta de drogas e ao apelo da violência. Com ações direcionadas a toda a comunidade escolar e aos pais/responsáveis, o Proerd também promove a inclusão da família no processo educacional e de prevenção.

Iniciativas como acima foram sugeridas, tomadas no âmbito de determinada escola, não devem permanecer enclausuradas, mas sim fazer parte de todo um programa de combate à violência infanto-juvenil que deve ser desencadeado em cada município, a ser discutido, aprovado e patrocinado pelo Conselho Municipal de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, onde deverão ser articuladas ações entre as secretarias municipais da educação, de segurança pública (ou similar), bem como com os demais órgãos públicos municipais e mesmo estaduais afins.

## **CAPITULO II- PERCURSO METODOLÓGICO**

Neste capítulo abordaremos sobre o caminho percorrido para realização desta pesquisa, descrevendo os procedimentos metodológicos que se adequam para que os objetivos da pesquisa fossem alcançados com sucesso. Dessa forma especificaremos o contexto da pesquisa, os sujeitos participantes, assim, como os critérios para a escolha, os métodos e técnicas utilizados para que se tenha uma melhor compreensão desta pesquisa.

### **2.1 Contexto da Pesquisa**

A presente pesquisa foi realizada na “Escola Municipal Charles Garcia” na cidade de Parintins, em uma sala do 4ª ano do Ensino Fundamental, com 2 alunos (foram escolhidos pois ocorria com mais frequências esses episódios de violência) e 2 professores, para que dessa forma pudéssemos observar como ocorre a violência dentro da escola.

### **2.2 Tipo de Pesquisa**

A referente pesquisa foi realizada através da abordagem qualitativa, segundo Triviños (2008, p 120) “está é uma ideia fundamental que pode ajudar a ter uma visão mais clara do que pode chegar a realizar um pesquisador que tem por objetivo atingir uma interpretação do ângulo qualitativo”. Dessa forma o foco foi conhecer as principais dificuldades da escola em relação a violência ocorrida na escola. Buscando demonstrar através de evidencias, as experiências, dos sujeitos investigados.

Para Minayo (2003, p. 16 - 18), a pesquisa qualitativa, é o caminho do pensamento a ser seguido. Ocupa um lugar central na teoria e trata-se basicamente do conjunto de técnicas a ser adotada para construir uma realidade. Dessa forma, Godoy (1995, p. 58) explicita algumas características principais de uma pesquisa qualitativa:



- Considera o ambiente como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave;
  - Possui caráter descritivo; o processo é o foco principal de abordagem e não o resultado ou o produto;
  - A análise dos dados foi realizada de forma intuitiva e indutivamente pelo pesquisador;
  - Não requereu o uso de técnicas e métodos estatísticos;
- E, por fim, teve como preocupação maior a interpretação de fenômenos e a atribuição de resultados.

A pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados, envolve-os a obtenção dos mesmos descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (GODOY, 1995, p.58).

A pesquisa qualitativa nos permite explorar o universo da pesquisa, proporcionando assim à compreensão das diversas situações vivenciada pelos sujeitos.

### **2.3 Método de Abordagem**

Para realização dessa pesquisa foi utilizado o método fenomenológico do qual segundo Masini (1997) o método fenomenológico desvela o fenômeno, colocando-a a descoberta. É desvendar o fenômeno além da aparência, pois estes não estão evidentes de imediato, sendo necessário descortina-lo.

### **2.4 Método de Procedimento**

Para conhecer como se dá a violência dentro da escola, escolhemos como método de procedimento o Estudo de Caso, por que tem a finalidade de direcionar um caso, a qual se quer investigar ou vários casos. Chizzotte (2003, p: 102) afirma: “O estudo de caso é uma caracterização abrangente para designar uma diversidade de pesquisa que coletam e registram dados de um caso particular ou vários casos afins de organizar um relatório ordenado de uma experiência, [...]”.

## 2.5 Sujeito da Pesquisa

Os sujeitos dessa investigação foram da “Escola Municipal Charles Garcia”, (a Escola está localizada na travessa Alfredo Monteiro de Lima, s/n – Santa Rita de Cássia. Aonde atende crianças nos horários matutino e vespertino, nas séries do Ensino Fundamental, sendo: de 6º ao 9º matutino, e 2º ao 5º ano vespertino, e no horário da noite atende na modalidade da EJA. Sendo (02) alunos e (02) professoras do 4º do ensino fundamental. Os professores participantes dessa pesquisa foram identificados por consoantes: “P1” e “P2”, em concordância com a autorização concedida por elas antes da pesquisa. E os alunos com nome de personagens de desenhos de sua preferência: “Ben 10” e “Quatro braços do Ben 10”.

## 2.6 Técnicas de Pesquisa

Dessa forma, como técnicas de pesquisa, utilizamos para a coleta de dados observações direta e entrevistas semiestruturadas.

Segundo Lakatos & Marconi (1992), a observação direta é um tipo de atividade que “[...] utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar”.

A observação direta é um método que pode ser definido como um acompanhamento presencial do processo a ser modelado que sujeita o pesquisador a um contato mais direto com a realidade.

A entrevista foi do tipo semiestruturada, pois proporciona um diálogo aberto com o sujeito, que de acordo com Gerhardt e Silveira (2009, p. 72) a entrevista semiestruturada permite que “o entrevistado fale livremente sobre os assuntos que vão surgindo como desdobramento do tema principal”. Esse tipo de entrevista é mais uma conversação informal entre o pesquisador e o sujeito, onde o pesquisador pode inserir mais perguntas no decorrer da entrevista e o entrevistado tem maior liberdade em suas respostas.

## CAPITULO III – ANÁLISE DOS DADOS

A violência na sociedade contemporânea é aparente e de alguma forma encontra-se presente em inúmeros contextos. Infelizmente é um desafio social a ser encarado devido à complexidade de tipos existentes e de suas inúmeras manifestações.

Neste capítulo apresentaremos os dados coletados através das entrevistas junto aos professores que atuam no 4º ano da Escola Municipal “Charles Garcia”, assim, evidenciaram as formas de violência presente na escola: tanto aquelas que invadem o espaço escolar quanto aquelas que na escola germinam e dão frutos que repercutem no cotidiano e na vida social, e também de que forma que a escola busca para combatê-la. Os professores participantes dessa pesquisa serão identificados por consoantes, em concordância com a autorização concedida por elas antes da pesquisa. E os alunos com nome de personagens de desenhos.

### 3.1 Definição de violência escolar segundo os professores

Não é muito fácil dar uma definição exata para violência, que é um fenômeno complexo e multicausal. Ela se promulga e se caracterizam sob formas distintas. Cada termo utilizado para definir a violência conduz a um mundo conceitual cujos contornos são determinados por uma tradição sociocultural e pela experiência de vida de cada indivíduo.

Diante disso procurou saber o conceito que cada professor tem sobre violência escolar.

Tabela 1: Definição de violência escolar segundo os professores.

Professores	Professor (a) o que a senhora entende por violência na escola?
P 1	Aquilo que fere o colega: bullying, bem como aos professores, a escola como um todo.
P 2	É ser agressivo e autoritário com colegas e professores.

Fonte: Marinho 2018

Dessa forma, como podemos perceber pela definição do P1 e P2, definir o que é violência escolar, parte da vivência e da realidade de cada um, sendo assim, considera-se que o termo violência atualmente está na ordem do dia, e o senso

comum refere-se a ele de modo simplificado e parcial. Mas, no entanto, é preciso analisar de forma cuidadosa as condições de seu uso.

### 3.2 Características do ambiente ou situação que expõem os alunos a serem vítimas ou perpetradores de violência

A violência é decorrência da difícil interação de fatores individuais, de relacionamentos estabelecidos, comunitários e sociais, sendo necessário ter sempre em mente as interseções e conexões existentes entre os diferentes níveis. É o que vamos evidenciar na tabela a seguir.

Tabela 2: Características do ambiente ou situação que expõem os alunos a serem vítimas ou perpetradores de violência.

Professores	Professor (a) a senhor (a) consegue avaliar as características do ambiente ou situações que expõe seus alunos a serem vítimas ou perpetradores de violência?
P 1	Quando eles não estão sendo assistidos. Quando na sala estão sem a supervisão de um adulto. E também muitos por problemas familiares em casa, o que reflete muito no comportamento deles na escola. Vejo que muito dessa agressividade deles é mais como um pedido de socorro. Pedido que alguém olhe por eles. Pois são apenas crianças ainda.
P 2	Acredito que seja uma questão familiar, não tem assistência em casa, vejo isso ao comparar o comportamento dos alunos que são assistidos, que os pais acompanham, com o daqueles que os pais mal comparecem as reuniões, e esses são os alunos que mais tem nos dado trabalho.

Fonte: Marinho 2018

Como podemos perceber tanto o relato do P1, quando do P2, destacam que é mais em relação à questão familiar, pois é nela que a criança reproduzirá o que vivencia em casa. Dessa forma, essa falta de assistência, orientação familiar, reverbera nesse ambiente a cada dia, e acaba refletindo significativamente no comportamento dessa criança, como no relato do P1, isto significa que a violência praticada por alunos é uma forma de pedido de socorro frente a um processo de anulamento, no qual o aluno deveria ocupar lugar central, o de agente do processo.

De acordo com os relatos da P1 e P2, a ausência das figuras pai e mãe demonstra grande interferência para uma maior vulnerabilidade dessa criança tanto para a violência física sofrida como para violência física perpetrada. Tais dados

culminam com o Relatório Mundial sobre Violência e Saúde (2002) ao afirmar que o monitoramento e a supervisão deficiente dos pais, a ligação afetiva deficiente, bem como a presença de apenas um dos pais na família, podem impulsionar violências futuras (KRUG et al., 2002).

Gimeno (2003) apresenta como papel da família: desenvolvimento pessoal (incluindo a individuação e a auto realização); função socializante (que compreende o processo de interiorização das normas do seu meio sociocultural, integrando-se e adaptando-se à sociedade); e manutenção de uma identidade e coesão do sistema familiar.

### 3.3 O impacto da violência na aprendizagem do aluno

Para o sociólogo francês Bernard Charlot (2002, p. 2) a violência existe desde os anos de 1950 e 1960, nesta época os alunos eram grosseiros uns com os outros, e com o passar do tempo este formato de agressividade mudou. Desta forma, não basta que as crianças frequentem a escola, é preciso que as mesmas sejam respeitadas, tratadas como seres individuais.

Fazendo uma análise sobre as situações que envolvem um estabelecimento escolar percebe-se um conjunto de ações que constantemente atuam como coadjuvantes, dificultando a assimilação da aprendizagem daqueles que a frequentam. Sendo assim, vamos analisar de que forma ocorre esse impacto na aprendizagem desse aluno.

Tabela 3: O impacto da Violência na Aprendizagem do Aluno.

Professores	Professor (a) de que forma ocorre esse impacto da violência na aprendizagem dos alunos?
P 1	Esse impacto ocorre de uma maneira negativa, pois ele prejudica muito a aprendizagem desse aluno, tanto por parte de quem comete tanto por quem sofre.
P 2	Gera um impacto muito negativo, não só pra eles, mas pra nós professores, principalmente por parte de quem sofre. Porque esse aluno ele não pergunta, não tira as dúvidas, e isso prejudica muito o rendimento escolar.

Fonte: Marinho 2018

Entretanto, como podemos ver na resposta da P1 e P2, que nos reporta o quanto esses episódios de violência interferem de forma negativa na aprendizagem desse aluno, assim acaba comprometendo o seu rendimento e também provoca uma sensação de insegurança, principalmente por que sofre violência, dessa forma compreender como a reprodução da violência nas escolas interfere no processo de aprendizagem, é um fator importante na formação do professor.

Pois ao observar isso em sala de aula, ele pode intervir de alguma forma, para que isso não se torne uma agravante na vida escolar do aluno. Assim, Schilling (2008) afirma que se deve mostrar ao aluno a importância dos estudos, fazendo com que o aluno se interesse pelo aprender, quer dizer, que tenha prazer em ir para escola e pela aprendizagem.

A escola deve ensinar conteúdos que tenham relação com os interesses dos estudantes, fazendo com que a instituição seja um lugar harmonioso no qual todos possam ouvir e ser ouvidos e respeitados, tentando assim minimizar os conflitos.

Os educadores precisam saber quais seus objetivos na escola; com quem eles podem contar e o que eles querem para seus alunos, considerando que o trabalho do professor deve ter uma função relacionada à identidade do aluno em formação, qual é o formato do aluno que deseja (SCHILLING, 2008).

### **3.4 Estratégias de combate à violência na Escola Municipal Charles Garcia**

Segundo Sposito (1998, p. 73), compreender as práticas de agressões e superá-las demandam esforços de entendimento sobre os caminhos que permitirão a ação socializadora da escola, ampliando com novas atribuições as consolidadas representações do mundo adulto em torno da ascensão social.

Neste tópico, analisaremos as estratégias de combate à violência na Escola Municipal Charles Garcia, com o objetivo de combater a violência dentro da escola, bem como aproximar a família e a comunidade. Para Sposito (1998, p. 73) as escolas como ambientes sociais e palco da violência não devem medir esforços para compreender o que de real está acontecendo nos estabelecimentos de ensino, ou seja, de que forma as agressões ocorrem.

Tabela 5: Estratégias de combate à violência na Escola Municipal Charles Garcia

Professores	Professor (a) de que forma ocorre esse combate à violência?
P 1	Nós, procuramos combater mantendo o diálogo (no qual através desse diálogo, buscamos vê o que acontece com esse aluno, mostrando que a violência não é a melhor alternativa de resolver os seus conflitos) quando chamamos os pais, nós também temos um convênio com o posto de saúde, aonde contamos com auxílio de psicólogos, aonde as crianças com mais problemas são encaminhadas. Mas nossa maior dificuldade é que na maioria das vezes o pai não leva, ou quando leva é só uma vez. Por esse motivo, a escola tá implantando um projeto na escola intitulado: Onze horas: a lição de um jardim.
P 2	Procuramos combater com diálogo, tentamos buscar o auxílio dos pais. Pra melhorar essa aproximação. Mas também o que complica de auxiliar melhor os alunos, é que as salas são superlotadas, e assim a sala fica abafada, então os deixa ainda mais agitados e difícil de controlar.

Fonte: Marinho 2018

No relato do “P2” a falta de políticas públicas e de estrutura também é um fator que contribui para piorar esses conflitos dentro da sala de aula. É que encontramos na maioria das escolas, salas cheias, prédios mal estruturados, que na sua maioria é um agravante, principalmente para os alunos perpetradores de violência.

O projeto que a “P1” se refere é o Projeto “Onze Horas” que foi criado com o objetivo de estreitar laços afetivos, sociais e de interação, entre pais e filhos, professores e alunos e escola e família. Assim, o projeto “Onze Horas:

Justifica-se o desenvolvimento do projeto, por observar que grande parte dos alunos que não vão bem na escola, seja nos aspectos cognitivos, quanto aos atitudinais, tem algo em comum entre eles – distanciamento dos pais. Este distanciamento, muitas vezes, não está diretamente ligado ao fato dos pais promoverem as necessidades materiais dos alunos – mas as afetivas. Com intuito de desenvolver uma amostra de ação pedagógica e social, a escola propõe dinamizar esta ação através de um plantio do jardim de onze horas da escola, acompanhando as etapas do plantio até o florescer das suculentas, orientando todas as etapas do cultivo e Registrando no Diário de Bordo, material que servirá para a culminância do projeto. O projeto é denominado “Onze Horas, por fazer inferência a planta de jardinagem Onze-horas, também conhecida como portulaca. É uma suculenta excelente para climas secos, já que armazena bem água. Seu nome é uma referência ao horário aproximado em que suas flores se abrem. Essa planta, exige cuidados especiais que poderão ser dados a ela: água, adubo, terra boa, espaço e luz necessária, poda e proteção das ervas daninhas e pragas. Com esses cuidados, o jardineiro poderá usufruir da beleza

de sua floração vistosa e diversa. (PROJETO “ONZE HORAS” ESCOLA MUNICIPAL CHARLES GARCIA).

Dessa forma o projeto é muito significativo, pois, vai trabalhar a interação entre os alunos, fazendo que melhore o convívio entre os mesmos e bem como trazer a família também para dentro da escola, fazendo que esses laços família aluno e família e escola se estreite, para que assim amenize os episódios de violência recorrentes na escola.

Para que ocorra a diminuição da violência escolar Schilling (2008) deve-se trabalhar de forma ampla, isto é, tanto os alunos, professores, pais e o Estado devem saber qual sua função dentro da instituição escolar; todos devem assumir compromisso e participação. Schilling (2008) usa o termo “conectados”, para dizer que todos devem estar conectados com a escola e que, com este compromisso, devem ter em mente o que vão fazer na escola, como fazer e quais os indivíduos que estarão recebendo todos os saberes científicos e tais esforços.

### **3.5 Aluno perpetrador de violência na escola**

A violência é uma afronta à dignidade humana, registrada em escritos significativos, como: a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) e a Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988 (CEARÁ, 2011). Está claro que a pluricausalidade da violência constitui problema aos estudiosos do tema (MINAYO, 2004). Não há uma explicação ou um só fator para a sua existência. Por que alguns indivíduos se comportam violentamente com outros? Por que a violência é mais comum em algumas comunidades? Ela se mostra como o resultado da complexa interação dos fatores individuais, relacionais, sociais, culturais e ambientais. Apropriar-se da compreensão de como esses fatores estão relacionados com a violência é crucial na abordagem da saúde pública para a prevenção da violência (DAHLBERG; KRUG, 2006).

Nesta tabela analisaremos a entrevista que tivemos com os alunos perpetradores de violência, bem como seu entendimento a respeito do assunto e os motivos que levam os alunos a cometerem esses atos.



Tabela 4: Aluno perpetrador de violência na escola

Alunos	O que você entende por violência e o que te leva a cometê-la contra seus colegas?
Bem 10	Pra mim violência é porrada. Brigo mais com o meu colega que implica comigo. Eu fico mais chateado porque sinto falta do meu pai que foi embora.
	Como a escola lida com os atos que você pratica contra seus colegas?
	Quando acontecem essas coisas, nos vamos para a diretoria, e conversam com a gente, às vezes nossos pais são chamados. Minha mãe fica brava e eu apanho, ai volto pra escola mais bravo ainda.

Fonte: Marinho 2018

Como podemos perceber no relato do “Bem 10”, em relação ao significado de violência, além das concepções individuais, essa significação de violência apresenta-se sob diversas faces, nas quais os valores e as normas culturais das diferentes sociedades e o contexto vivido pelas mesmas, tornam-se fatores relevantes para sua compreensão.

Em relação ao que o Bem 10: *“Minha mãe fica brava e eu apanho, ai volto pra escola mais bravo ainda”*, nos mostra que a utilização da violência com fins de disciplinamento das crianças e adolescentes, o que, muitas vezes, demonstra a subordinação dos mesmos à autoridade dos familiares. A principal modalidade é a violência física usada como estratégia pelos pais para obrigar os filhos a modificarem comportamentos indesejáveis.

Embora se constitua uma prática antiga na história humana, continua a integrar a vida cotidiana de crianças e adolescentes, apesar de argumentos teóricos e práticos contrários ao seu uso (RIBEIRO et al., 2007). A infância é um momento único na vida de uma criança. É um processo necessário para um bom desenvolvimento, em que a criança tem o direito de estudar, brincar e obter esclarecimento sobre suas dúvidas e descobertas. Esse é um momento fundamental para a formação de um adulto responsável e com dignidade.

Njaine e Minayo (2003) transpõem essa discussão para o âmbito do Brasil. Elas apresentam um estudo, que inclusive envolve uma cidade do Ceará, no qual listam as seguintes violências apontadas pelos jovens de escolas públicas como as principais: humilhação sofrida, agressões físicas, furtos, ameaças e destruição de seus objetos. As violências físicas perpetradas são percebidas pelas autoras como uma reprodução do comportamento que os próprios jovens censuram. A visão

panorâmica acerca da discussão escolar aponta para uma condição sistêmica apresentada pela temática escolar como característica que se enraíza em relações múltiplas e interpessoais. Vale salientar, com base em Krug et al (2002), que fatores associados às relações entre pares e no seio familiar podem favorecer comportamentos violentos.

### 3.6 Aluno vítima de violência na escola

O bullying, assim como outras formas de violência, tem uma complexidade que advém principalmente de sua multicausalidade (Ristum, 2002). Isto quer dizer que não existe uma única causa que seja responsável pela sua produção, mas que é um fenômeno que está relacionado a vários e diversos fatores que agem em rede, ou seja, são fatores que agem de forma inter-relacionada. Assim, vamos analisar de que forma isso se perpetua, segundo o relato do “Quatro braços do Bem 10”.

Tabela 5: Aluno vitima de violência

Alunos	O que você entende por violência, e de que forma a violência sofrida por você interfere no seu desempenho escolar?
Quatro braços do Bem 10	Pra mim é agredir, brigar, apelidar. É o que meus colegas fazem comigo, que é o bullying, eu sei que significa, porque já falaram sobre isso na escola, eles me batem, me apelidam, me chamam de macaco. Por isso eu não consigo aprender direito, por que fico com vergonha de perguntar do professor e me chamarem de burro. Mas eu tenho dois lados, um lado bonzinho, e um lado mal, quando meu lado mal aparece eu bato nos colegas, na minha antiga escola eu quebrei o nariz de um colega.
	E como a escola lida com os atos praticados contra você?
	Quando eu brigo ou quando brigam comigo, somos chamados à diretoria. E também chamam minha mãe, mas ela não briga comigo, só me diz pra não brigar na escola.

Fonte: Marinho 2018

Dessa forma, o significado de violência para o “Quatro braços do Bem 10” é um reflexo da vivência dessa relação com os colegas, e conseqüentemente as crianças vitimizadas tendem a exibir maior agressividade e menor tolerância às frustrações, o que pode levar, tanto a vítima como o agressor a considerarem este

comportamento como algo normal, sendo, inclusive, aceito como forma de educação.

Sendo assim, conforme o relato do “Quatro braços do Ben 10”, seja direto ou indireto, o bullying se caracteriza por três critérios:

1. comportamento agressivo e intencionalmente nocivo;
  2. comportamento repetitivo (perseguição repetida);
  3. comportamento que se estabelece em uma relação interpessoal assimétrica, caracterizada por uma dominação.
- Seja qual for a prática de bullying, algumas características podem ser destacadas, relacionadas aos papéis que os alunos venham a representar:
- ‘Alvos ou vítimas’ – os que só sofrem bullying;
  - ‘Alvos/autores’ – os que ora sofrem, ora praticam bullying;
  - ‘Autores’ – os que só praticam bullying;
  - ‘Testemunhas’ – os que não sofrem nem praticam bullying, mas o presenciam e convivem em ambiente onde isso ocorre.

Assim, segundo Barbosa e Pegoraro (2008), há consequências em nível psicológico, geralmente de médio e longo prazo e de difícil identificação, no desenvolvimento sócio emocional, comportamental e cognitivo.

Como vimos no relato do “Quatro braços do Ben 10”, as consequências do bullying escolar para as vítimas caracteriza-se, geralmente, pelo baixo rendimento no aprendizado, o medo da própria escola e a traumas psicológicos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa intitulada “**Violência Escolar: um Estudo de Caso em uma Escola Municipal de Parintins**” foi realizada na Escola “Municipal Charles Garcia”, nossos resultados relevam contribuições trazidas no decorrer deste trabalho, nos quais indicam que as manifestações de violência dentro e nas proximidades das escolas estão induzindo comportamentos nos agentes da educação que se contrapõem às metas de melhoria da qualidade do ensino. Mais ainda, eles indicam um aprofundamento da desigualdade de desempenho dos alunos, já que os mais prejudicados com a violência são os que têm as piores proficiências.

Essa pesquisa nos adverte para o fato de que a violência, de forma geral, faz parte da realidade dessas crianças, seja na escola ou no seio familiar, em que as violências física e psicológica são as mais frequentes, geralmente atreladas às questões disciplinadoras e educativas. Dessa forma, essas ações não são vistas como violência por esses pais, mas sim como uma forma de educar os filhos, as quais já podem perceber que não é a melhor solução.

É importante lembrar que neste trabalho não reconhecemos como “vítimas” apenas aqueles que sofrem agressão, mas também o agressor, isso porque a violência escolar aqui foi entendida como uma reação por parte do aluno diante de sua frustração enquanto sujeito que se perde no decorrer do processo.

Ao professor não cabe apenas transmitir os conhecimentos sistematizados historicamente, mas atuar de maneira integral, participando das atividades da escola, que não se resumem somente as aulas dadas em sala de aula. Sabemos que a escola não é o único segmento em crise, mas inferimos que podemos tentar a mudança e, a partir dela, criar a possibilidade de amenizar as situações de conflito.

Como sabemos que a educação é um elemento fundamental para a geração de renda, isso tenderia a tornar a sociedade ainda mais desigual. Assim, aliar investimentos em educação com investimentos em programas de combate à violência pode ser uma maneira eficaz de promover a inclusão social e a redução da desigualdade.

Entende-se, portanto, que ao lidar com violência escolar, a abordagem de cuidado não deve limita-se só à escola, mas também as suas famílias. Este

atendimento necessariamente precisa contar com uma equipe multiprofissional, cujo enfoque vá além da dimensão biológica do cuidado. Além disso, são fundamentais as redes de apoio articuladas, trabalhando estigmas que cercam a violência e assim ajudando famílias, crianças e adolescentes a se inserirem na comunidade. Também, que sejam implementadas políticas públicas, que reduzam a violência nas escolas, aperfeiçoem o nível de ensino e, conseqüentemente, elevem o nível de capital humano, tão importante no processo de desenvolvimento econômico de qualquer país.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO no Brasil, 2005. 404 p.

ABRAMOVAY, M. et al. **Escola e violência**. Brasília : UNESCO, 2002

ABRAMOVAY, Miriam. AVANCINI, Marta Franco. **A violência e a escola: o caso Brasil**. Brasília, 2004. Disponível em: <<http://observatorio.ucb.unesco.org.br/artigos/95.pdf>>. Acesso em: 20 set 2018.

AQUINO, J. G. **A violência e a crise da autoridade docente**. Caderno Cedes., ano XIX, nº 47, dez. 1998, CANDAU, V. M. Direitos humanos, violência e cotidiano escolar. In: CANDAU, V. M. (Org.). Reinventar a escola. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 137-166.

BELINTANE, C. **O poder de fogo da relação educativa na mira de novos e velhos prometeus**. Caderno Cedes, v.19, n.47, p 20-35, 1998.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares para o curso de Graduação em Pedagogia**, 2006. Disponível em: Acesso em: 10 março 2017.

BRONFENBRENNER, Urie. Ecological models of human development. In: International Encyclopedia of Education, vol. 3, 2 ed. Oxford: Elsevier, 1994.

BRONFENBRENNER, U. A Ecologia do Desenvolvimento Humano: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CAIXA SEGUROS. **Fatores determinantes da violência interpessoal entre jovens no DF**. Brasília, 2006. Disponível em: . Acesso em: 20 Jul. 2011.

CHARLOT, B. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam esta questão**. Sociologias, Porto Alegre, ano 4, nº 8, jul/dez 2002, p. 432-443.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 6 ed. São Paulo, 2006.

COLOMBIER, Claire; MANGEL, Gilbert; PERDRIault, Marguerite . *A violência na escola*. São Paulo, Ed. Summus, 1989.

DAHLBERG, Linda L.; KRUGG, Etienne G. Violência: um problema global de saúde pública. Violence: a global public health problem. Ciênc. Saúde Coletiva, v. 11, suppl. 0, 2006.

DELFINO, Vanessa et al. A identificação da violência doméstica e da negligência por pais de camada média e popular. Texto contexto-enferm, Florianópolis, v. 14, n. spe, p. 38-46, nov. 2005.

ELIAS, Maria Auxiliadora. **Violência escolar**: caminhos para compreender e enfrentar o problema. 1 ed. São Paulo: Ática Educadores, 2011.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIMENO, A. A Família: o desafio da diversidade. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

KRUG, Etienne. G. et al. (Org.) Relatório mundial sobre violência e saúde. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2002.

GROGGER, Jeffrey. **Local violence and educational attainment**. **Journal of Human Resources** 32(4):659-682, Autumn 1997.

GODOY, A.S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. In Revista de Administração de Empresas. São Paulo: v.35, n.2, p. 57-63, abril 1995.

JOSÉ, Elisabete da Assunção; COELHO, Maria Teresa. **Problemas de aprendizagem**. 12.ed. São Paulo: Ática, 2006.

LIMA, R. de. **Violência na/da escola**. Revista Espaço Acadêmico. N 78, mensal, ano VII, nov.2007, <<http://www.espacoacademico.com.br/078/78lima.htm>> Acesso em: 02 mai. 2018.

LOPES, José Norberto Callegari. **Especialista diz que bullying tem relação com falta de limites na família**. Jornal A Cidade. 09 abr. 2011. Disponível em: . Acesso em: 11 jul. 2011.

LUZ, Ana Maria de Carvalho. JESUS, Tércio rios de. A formação de gestores educacionais: desafios e perspectivas de saberes em construção. Salvador: ISP/UFBA, 2006.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. Técnicas de Pesquisa. 5. Ed. São Paulo, 1992.

MARRA, Célia Auxiliadora dos Santos. **Violência escolar: a percepção dos atores escolares e a repercussão no cotidiano da escola**. São Paulo: Annablume, 2007.

MINAYO, M. C. S. (1994). **A violência social sob a perspectiva da saúde pública**. Caderno de saúde pública. Rio de Janeiro.

MINAYO, Maria Cecília S. A inclusão da violência na agenda da saúde: trajetória histórica. *Ciência & Saúde Coletiva*, n. 11, p. 1259-1267, 2007.

MODENA, Maura Regina. **Conceitos e formas de violência** [recurso eletrônico]: / org – Caxias do Sul, RS: Educus, 2016.

NJAINE, Kathie; MINAYO, Maria Cecília de S. Violência na escola: identificando pistas para a Prevenção. *Interface - Comunic, Saúde, Educ.* v. 7, n. 13, p. 119-34, ago. 2003.



OMS. Organização Mundial da Saúde. Violência um problema de saúde pública. In: KRUG, E. et al. (Ed.). Relatório mundial sobre violência e saúde. Genebra, 2002.

\_\_\_\_\_. Organização Mundial da Saúde. Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde-CID-10. 8. ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

PIMENTA, Selma Garrido. **O Pedagogo na Escola Pública**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

POPPOVIC, Ana Maria (Coord.). **Pensamento e Linguagem: programa de aperfeiçoamento para professores da 1ª série**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1980.

RIBEIRO, Edilza Maria et al. Castigo físico adotado por pais acompanhantes no disciplinamento de crianças e adolescentes. Acta paulista de Enfermagem, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 377-383, 2007.

RISTUM, M. (2001). **O conceito de violência de professoras do ensino fundamental**. Tese de 34 Doutorado. Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.

ROSAS, Fabiane Klazura; CLONEK, Maria Inês. **O impacto da violência doméstica contra crianças e adolescentes na vida e na aprendizagem. Conhecimento Interativo**, São José dos Pinhais, PR, v. 2, n. 1, p. 10-15, jan./jun. 2006.

ROYER, Egide. A violência escolar e as políticas da formação de professores. In: DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, Catherine. **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

SILVA, A. B. B. **Bullying: Mentres perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva. 2010.

SILVA, M. G. L.; SOARES, G. M. R. S.; SILVA, J. **Violência escolar: implicações no processo ensino aprendizagem.** Disponível em: <[http://www.ufpi.edu.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/2006.gt7/GT7\\_2006\\_04.PDF](http://www.ufpi.edu.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/2006.gt7/GT7_2006_04.PDF)> Acesso em: 02 mai 2018.

SOUZA, E. R. (1993). **Violência velada e revelada: Estudo epidemiológico da mortalidade por Causas externas em Duque de Caxias**, Rio de Janeiro. Caderno de saúde pública. Rio de Janeiro. 9(1), 48-64.

SCHILLING, F. **Violência nas escolas: explicitações, conexões. Série cadernos temáticos dos desafios educacionais contemporâneos**, v,4. Curitiba: SEED, 2008.

SPOSITO, M. P. **A instituição escolar e a violência. Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 104, p. 58-75, 1998.

SPOSITO, M. P. e GONÇALVES, L.A. **Iniciativas Públicas de redução da violência escolar no Brasil. Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, n. 115, p. 115-138, 2002.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva, 1928T759Í **Introdução à pesquisa em ciências sociais : a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo : Atlas, 1987.